

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silveira Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
Anno.....	4\$800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑA	
Semestre.....	2\$400	Anno.....	8\$000
Trimestre.....	1\$200	Semestre.....	4\$000
		Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — *Rua Formosa, 43*



Summario

Capas: O ACTOR QUEIROZ (cliché da phot. Vasques) Texto: MEIO SÉCULO DE THEATRO: O ACTOR QUEIROZ, 14 illust. ● A TERRA CONTRA O HOMEM, 4 illust. ● A CHINA EM FIGURAS DE LOUÇA, 18 illust. ● LÁ POR FÓRA, 2 illust. ● O CONCURSO D'«O SÉCULO» DE 1908, 2 illust. ● UM MINISTRO NOVO: D. LUIZ DE CASTRO, 7 illust. ● A FIGURA PREDILECTA NA OBRA DOS NOSSOS DRAMATURGOS, 10 illust. ● EFEITOS DO TERRAMOTO NO SUL D'ITALIA, 2 illust. ● ASPECTOS DO MINHO, 15 illust. ● ● ●

CAVALINHO DA

ARMADORES ESTOFADORES
PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 38 - LISBOA

TELEPH. 1346
ENDEREG TELEGRAFICO (CASTALI)

J. CASTELLO BRANCO

Bicycletas



Marca Inglesa, as mais sólidas e elegantes desde 225500 rs. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. últimos modelos. Bicycletas Inglesas Radford, modelo especialmente feito para a no sa casa, muito solidas, própria para a cidade, roda livre, guarda-lamas e 2 travões, preço 325000 reis. Enorme sortimento de acessórios tais como protectores Continental, Dunlop, Conventry, Camaras d'ar, Businas, Lanternas, Rodas livres, etc., tudo a preços barattissimos. **GRANDE DEPOSITO** das melhores e machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. **Casa SIMPLEX Bicycletas, Discos e Machinas falantes. J. CASTELLO BRANCO, Rua do Soccorro, 48 e Rua de Santo Antão, 32 e 34 - LISBOA.**

para aluguel, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guarda-lamas e 2 travões, preço 325000 reis. Enorme sortimento de acessórios tais como protectores Continental, Dunlop, Conventry, Camaras d'ar, Businas, Lanternas, Rodas livres, etc., tudo a preços barattissimos. **GRANDE DEPOSITO** das melhores e machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. **Casa SIMPLEX Bicycletas, Discos e Machinas falantes. J. CASTELLO BRANCO, Rua do Soccorro, 48 e Rua de Santo Antão, 32 e 34 - LISBOA.**



AGENCIA DE VIAGENS

R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotéis.

Viagens baratissimas
À TERRA SANTA

Influencia do Homem sobre o Homem

PALAVRAS NOTAVEIS DE UM EMINENTE MEMBRO DO CLERO SOBRE O MAGNETISMO INDIVIDUAL

Nenhum assumpto tem despertado tanto interesse e provocado tantas discussões da parte dos pensadores, como o Magnetismo individual. É digna de nota a attenção que o clero, doutores, directores de escolas e homens de sciencia do mundo inteiro concentram sobre esta questão. Muitos d'entre elles criticaram abertamente os seus effeitos maravilhosos. As palavras claras do rev. Paulo Weller de Gorham, N. Y. chamam bem a attenção para o assumpto.



Rev. PAULO WELLER
Gorham, N. Y.

Em resposta a uma carta de um amigo sobre o facto de se ter elle ornado firme crente do Magnetismo individual ou Hypnotismo, o rev. Weller escreveu:

« Eis o facto: «O assumpto Magnetismo individual ou Hypnotismo, ao qual consagrei muitos annos de estudo, chamava ainda mais a minha attenção, depois da leitura de uma obra scientifica, publicada pelo New York Institute of science de Rochester, N. Y.

« Sei ministro do clero, porém não tenho receio de declarar, que a leitura e o estudo de tal livro, o causou poderosa, profunda e boa impressão sobre o meu espirito. A minha opinião sobre o Magnetismo individual, assumpto que todos podem estudar com vantagem, é baseada sobre uma minuciosa investigação e com pleno conhecimento do seu grande valor. Esta declaração é e pontanea. Depois do estudo da Santa Biblia, o que deveria vir em segundo local.

Magnetismo individual, como ensina o livro notavel e supracitado, é o estudo

« O Magnetismo individual e não todas as leis, que regem a influencia de um homem sobre outro homem. E a forte que pe mette a um homem amoldar o pensamento de outro homem; que transfere ao seu interesse a vida em successos, que desentolve a energia latentes do espirito, proporcionando o cumrimento de factos notaveis. Tenho recebido muitas cartas a este respeito, e a todos respondi do seguinte modo: Escrevei ao New York Institute of science Rochester, N. Y. pedindo o seu livro sobre o Magnetismo ou Hypnotismo. O livro serviu-lha enviado gratis. Se a leitura d'elle vos for til e agradável como o foi para mim, agradecer-lhe-heis até ao vosso ultimo dia de vida. Saudações. Rev: Paul Weller.

« Quem mandar o seu nome e de reço ao New-York Institute of Science dept. 4548, Rochester, N. Y. U. S. A., receberá gratuitamente e pela volta do correio, o livro recommendado pelo rev. Paulo Weller. Basta mesmo fazer a encomenda por um simples bilhete postal. O porte das cartas para a America é de 50 reis. Os bilhetes postaes são de 20 reis.

Farinha lactea

PREÇO 400 REIS



36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa. *****

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chirocante e psychionomista da Europa

Brouillard



Diz o passado e o presente e profiz o futuro, com veracidade e rapidez, é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromanicas, chronologia e physiognomia e pelas applicações praticas, Lambroz d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja - LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

MEIO-SÉCULO DE THEATRO

O ACTOR QUEIROZ



1864



1907

Durante o transcurso de meio século, — e bem longo porque sobre o meio século passaram mais sete annos, — o actor Queiroz viveu constante e exclusivamente, com uma paixão absorvente e a mais nobre das dedicações, essa vida amarga e ficticia dos theatros, que tanto seduz a imaginação dos profanos, e, pelo contrario, de tão duras desillusões fórma a experiencia dos profissionais. Que extensa viagem, e que pródiga lição a sua!

Se o meu velho amigo, — em cuja alma incontaminada vel cincoenta e sete annos do espectáculo amplificado do palco e do espectáculo mesquinho dos bastidores, não bastaram, apesar de tudo, para dissolver o substracto da sua bondade nativa, mas decerto aproveitaram como larga elucidação; — se esse bom Queiroz nos contasse, com a sua bonacheirona tolerancia e o seu scepticismo burguez, a historia d'este meio século de theatro que atravessou, far-se-



hia uma bella narração para aproveitamento dos noviços. Mas, elle, embora saiba muito, aprendido na prolongada caminhada, é, de sua natureza, uma pessoa discreta. Mesmo no meio da dicacidade, inveterada como habito, das palestras de camarins, o hermetico Queiroz conservou-se sempre inalteravel no systema de ouvir e calar, como se mantinhameticulosamente cumpridor dos horarios, não faltando nunca, com a differença de um minuto que fosse, á hora rigorosa do ensaio. Este homem methodico, que a ambição juvenil fez actor, tinha, afinal, predominantes, impossiveis de desraizar, as qualidades graves e ponderadas de um circumspecto guarda livros. Não quer dizer que aos labios não lhe afluísse, em alguma occasião, e por elles se não filtrasse em uma excepcional hora expansiva, qualquer observação maliciosa ou satirica. Não. Queiroz tambem ria e no circulo dos intimos não deixava de despe-

1—Retrato de 1865—(CLICHÉ J. C. ROCHA)
2—Retrato de 1907—(CLICHÉ J. A. CORREIA)

dir, de vez em quando, a sua frêchada crítica, embora amaciada pela bonhomia característica. Em todo o caso, não será nunca o reservado Queiroz quem será capaz de narrar a chronica d'esse

meio seculo de theatro, cheio de tantas peripetias alegres, como de tantos episodios tristes; illuminado pela juventude e pela graça, que se apagaram já na morte ou obscureceram na velhice, das numerosas mulheres bonitas que o atravessaram; animado pelas figuras aventureiras d'esses bons actores antigos que deixaram uma tradição profundamente sympathica; pleno, enfim, de tantos factos e de tantos acontecimentos, que marcam um periodo artistico bem mais pujante de florescencia e de brilho que o actual. Evocará todas essas lembranças, que para nós se idealisam pela saudade, mas para elle revivem pela ternura; recordará todos os amigos e companheiros da sua extensa jornada, as horas risonhas e as contristadas; toda a sua vida discorrerá, como uma fita de cinematographo, não deante dos seus olhos, agora quasi cegos, mas passando na sua memoria, que se conserva admiravelmente fiel. Será esse, até, desde que chegou o momento do descanso, o seu mais grato, entretenimento, como o é o de todos os velhos que passaram uma vida agitada, cheia de gloria e de amor. Simplesmente, todo o espectáculo, d'esse meio seculo é em silencio que elle o recria e calado que o revê, como n'um culto intimo e mysterioso. Queiroz nunca escreverá memorias.

E' este, pois, mais um motivo para que reunamos, antes que ellas

de todo esqueçam, algumas lembranças a seu respeito.

Havia ha muitos annos na rua Augusta, um alfaiate chamado Queiroz, pae de um rapazinho azougado, de seus

doze annos, que, depois de aprender a lèr, fôra collocado em aprendizagem n'uma loja de chapéus. A mãe morrera e o pae casára segunda vez. O pequeno, que tinha o nome de Raymundo, não

gostava da madrastra, mas em compensação amava o theatro. E assim succedeu naturalmente que o filho do alfaiate fugiu um bello dia de casa, para se ir fazer actor. Foi d'esta maneira que, em fins de 1851, Raymundo de Queiroz debutou, no antigo theatro da Rua dos Condes, em uma peça intitulada *O janota almojado*.

O pae quebrára relações com o filho. N'aquelle tempo um actor constituia o descredito de uma familia. Gente de theatro era gente sem eira nem beira, sem religião, sobre-carregada de to-

dos os peccados de Israel. Fugia-se d'essa gente como se diz que o diabo foge da cruz. O proprio Queiroz não esqueceu com certeza aquella excursão artistica a Benavente, de que fazia parte o Antonio Pedro. Havia em Benavente uma estalagem e o estalajadeiro, porventura escarmantado de visitas anteriores, adquirira um odio entranhado a tudo quanto cheirava a gente de theatro. Não podia vêr semelhante gente! Ora o Queiroz era, então, o theatro de Benavente.

companhia. E, está a vêr-se, muito methodico como elle é, muito pechoso no cumprimento de todas as suas obrigações, o que seria esse theatro de Benavente! De resto, deveria ter sido esse exactamente o moti-

Raymundo Queiroz com a sua segunda esposa
(CLICHÉ DE J. A. CORREIA, DE BEMFICA)



vo determinativo da escolha por parte dos colegas. Nenhum tinha em si proprio tanta confiança como a que a todos offercia o Queiroz. Chegou a companhia á terra, e lá foi, nem outro recurso havia, para a hospedaria. Recebidos na ponta das espadas, como se calcula, o Queiroz, precavido de antemão, e sorna, como Deus o fez, chamou o irritado personagem de parte, e confidenciou-lhe:

— Tome você cuidado, muito cuidado com estes cavalheiros. Isto não é gente em quem se possa confiar. Mas, commigo, commigo só é que o meu amigo se entende. Sou eu que respondo por tudo, e eu quem pago, por que sou o caixa. Simplesmente, para isso, é preciso que estabeleçamos um regimen de vida. O *menú* do almoço é este, e o do jantar este. Tantas garrafas de vinho a cada serviço, e se lhe pedirem depois mais você diz que não tem. Está entendido?

Ficou entendido. Por parte do outro, evidentemente a titulo de experiencia, até vêr no que paravam as modas, porque, apesar da boa cara do Queiroz, apesar da sua eloquencia persuasiva, o estalajadeiro de Benavente estava muito longe de convencido. Logo ao primeiro jantar esse estranho actor e grande bohemio que foi Antonio Pedro reclamou outra garrafa, e perante a declaração feita pelo dono da casa de que não havia, gritou:

— Não ha?! E' simples. Mande busca-la fóra. Que tal está!

Interveiu Queiroz e poz os pontos nos i. Eu é que mandei que se fizesse assim, explicou elle, e assim se ha-de fazer enquanto eu mandar. Antes do espectáculo é isto. Depois, á ceia, cada um comerá e beberá o que lhe appetecer, com a differença de que extraordinarios cada qual os paga do seu bolso, porque ha entre nós alguns que veem aqui para ganhar dinheiro para o sustento da familia. Quem não lhe convier vae-se embora, que eu dou-lhe o dinheiro para a passagem. E, se porventura não serve á maioria esta lei, vou-me eu embora, e é já...

Adivinha-se o gesto d'esse louco impulsivo, de tão bom coração, que era Antonio Pedro:

— Ah! vae-te embora?! Pois eu vou contigo! Ora, que tal está o velhaco! Pois... não é preciso mais vinho!

Esta anecdota, absolutamente autentica, revela flagrantemente o feiço de Raymundo Queiroz: um homem regrado, serio, meticoloso em todas as obrigações sociaes, que por engano se perdeu, — o pobre e bom Queiroz — n'aquelle meio perverso e deleterio do theatro.

A despedida da companhia o estalajadeiro de Benavente estava mudado. A ultima liquidação de contas, na vespera da partida, — com o Queiroz, grave e intransigente, de rôl em punho, a discutir todos os pormenores da conta, — deixou-o então de todo convertido. Especialmente porque tudo foi pago á bocca do cofre. E no dia seguinte, como prova de arrependimento

Retrato de 1880
(CLICHÉ DA PHOT.
PHORBUS)



talvez, mas decerto como mimo affectuoso, o dono da hospedaria de Benavente mandou alugar nove burros para o transporte dos actores até á estação e mais... de uma carga de melões com que os brindou.

No percurso de cincoenta e sete annos de vida de theatro, que elle encerrou ha dias, quando fechava tambem o anno, continuou sempre Queiroz a ser o mesmo homem que esta anecdotta revela, e que, no fundo, não deixa de ser um pouco o avesso de um homem de theatro. Mas bem lhe importou sempre a elle isso. Era como Deus o fez e estava assim bem.

No anno seguinte ao do seu debut Queiroz andou pela provincia, voltando em 1853 ao theatro da rua dos Condes. D'este passou para o de D. Fernando,—uma antiga casa de espectaculos que existio no largo de Santa Justa,—onde houve companhias de opera lirica portugueza e francezas. A empreza, de um tal Macedo, tio da actriz Florinda, quebrou, porém, e

que Francisco Palha, o poeta da *Musa Velha*, começou a sua carreira de empregazario, e d'ahi que, em 1867, vieram os dois para a Trindade, de onde não mais saíram senão o auctor da *Fabia*, ha quinze annos, para o cemiterio, e Queiroz o outro dia, quando encerrou a sua vida de actor.

Essa primeira companhia da Trindade, que representou no salão antes do theatro concluido, era de primeira ordem: Emilia Adelaide, Delphina, Rosa Damasceno, Emilia dos Anjos, Bayard, Tasso, Joaquim d'Almeida, Brazão, etc. A primeira peça que levou á scena foi *A mãe dos pobres*.

No emtanto Queiroz casára, e nascera-lhe um filho, que desarmára as coleras do avô. Tornou-se ainda mais pacato e regrado do que era já. Podia apontar-se o modelo, e Palha, que caprichava em fazel-o alguma vez figurar na tabella, repetia amiudadamente:

—Quando te multar hade ser em papel fino.



1—Queiroz no *Brazileiro Pancracio* em 1894—(CLICHÉ FILLON)
2—Taborda, Izidoro, Tasso, Leone e Queiroz no *Barba Azul* em 1871. 3—Brazão, Leone, Augusto e Queiroz em 1874—(CLICHÉS DE J. C. ROCHA)

por isso Queiroz foi para o Salitre fazer, com Vidal e outros, comedias n'um acto nos intervallos das exhibições de uma domadora de feras, que lá estava então. Em 1860 encontrámol-o já no theatro das Variedades, e no anno seguinte regressado á rua dos Condes. Foi n'este theatro

N'esse tempo fazia Queiroz na Trindade os papeis de tenor e acabara por embirrar com elles. Por isso impetrava constantemente a Francisco Palha que não lhe distribuisse mais tenores. O outro promettia-lhe, mas peça nova que apparecesse, lá estava logo o tenor marcado para elle.



No *Brazileiro Pancrácio*: Queiroz, 1.º papel de regedor
e Augusto no papel de cabo
de ordens, as duas criações cómicas
que tornaram mais populares os dois distintos actores

(CLICHÉ DO ATELIER BILLON)



Retrato de 1866
(CLICHÉ J. C. ROCHA)

Um dia Leone despediu-se de ensaiador e Queiroz recebeu o offerecimento de ir substituí-lo. A sua resposta foi prompta e terminante:

—Ah! Lá esse tenor é que eu não faço, sr. Palha.

Não ha melhor prova do methodo e da regularidade de habitos de Queiroz do que o seu regimen alimentar nos dias em que tinha espectáculo. Jantava invariavelmente ás quatro horas e meia da tarde, comendo com sobriedade e só carnes. Podia ser dia de festa, passar um anniversario domestico, haver o que houvesse, que semelhante regimen não soffria alteração. Depois do theatro é que

Queiroz se desforrava, ceando então opiparamente, com um requintado menu em que o arroz de ameijoas, aslulas de

Retrato de 1866
(CLICHÉ J. C. ROCHA)

caldeirada, o peixe assado entravam a maior parte das vezes.

Falta-nos, porém, o espaço para contar da vida de Queiroz, e da vida dos que conviveram com elle, durante meio seculo, tantos pormenores interessantes, que haveria até beneficio em archivar. A serie de aneddotas que poderia contar-se! As coisas a que Queiroz, no transcorrer da sua larga carreira de actor assistiu! Que pena que nos resta de não poder aproveitar aqui quantas informações e aneddotas possuímos.

Limitamo-nos, por isso, a dirigir-lhe uma affectuosa saudação, tão entusiastica e sincera como as palmas e os applausos que durante cinquenta e sete annos elle colheu.



O actor Queiroz e o baixo Jimenez
(1860)

(CLICHÉ J. C. ROCHA)
—Queiroz e Augusta no *Braileiro Pancrácio* (1894)
(CLICHÉ DO ATELIER PILLON)

A TERRA CONTRA O HOMEM



A natureza, resiste sempre contra o homem, constantemente tambem pretende vencel-a, devassando os seus arcanos mais secretos, tentando dominal-a e utilizar em beneficio proprio as suas forças. E por vezes revolta-se tambem, em impulos de desordenado pavor, que se manifestam nas grandes catstrof hes dos terrcmotos

e de outros horrores semelhantes, que commovem o mundo inteiro, como succede agora com os desastres tremendos do sul da Italia, que a imprensa diaria tem noticiado nos seus pormenores horripilantes e em todas as suas funestas consequencias.



1—Vista geral de Messina—(CLICHÉ DE CH. DELIUS)
2 — Reggio: A praça do mercado—(CLICHÉ DE M. BRANGER)



1—Uma fonte nas ruas de Messina
 2—Vista geral de Taormina, em grande parte destruída pelo terremoto
 (CLICHÉS I E CH. DELINS)

A CHINA EM FIGURAS DE LOUÇA



A China é o phantastico paiz em que a louça tem alguma cousa de tão subtil, de tão precioso, que a própria Europa se curva, repudiando os Saxos e os Sèvres ante essa belleza que do Oriente vem. E como não se cança de apreciar essa louça chinesa, em que ha trechos de paizagem contorcida, raros bocçados de verdade, que aos olhos do europeu parecem prodigiosos, vae caindo no gosto do exotico, levada pela anciedade do inedito que os Goncourt souberam transportar em chinezices raras de estylo que geraram a corrente profundamente perturbadora da arte séria que a Europa ia seguindo.

As figuras chinezas são damas de olhos obliquos, um tanto vagas no azulado da porcellana, que tem vestes longas e sapatos minusculos, mal equilibradas na louça e na vida. Mas ha tanto de raro, de original e ao mesmo tempo de grave n'aquellas figurinhas que mais parecem estampadas que copiadas, que a Europa, farta das photographias quotidianamente cinematographadas, entrou a admirar, já saciada da brutalidade de todos os dias.

O chinez tem a psychologia de uma raça que tendo conquistado uma civilização a soube conservar n'uma muralha mais forte do que os diques que a occidental civilização pespega em face dos mares. D'ahi,



1 - O Deus da guerra

2 - Typos da classe media abastados

d'essa concentrada idéa, d'esse se-
gredo fabuloso como o dos contos de
fadas, saiu essa arte precisa, com al-
guma cousa de encantador e de vago
que deu á louça chinesa a soberba

vendilhão das ruas ao idolo da sua
invocação, exactamente, guardadas as
distancias, como Caran-d'Ache e Fo-
ran fazem a critica *boulevardeira* com
o seu lapis aparado, firme e delicio-



raridade ante
a qual a Eu-
ropa se ames-
quinha. Pos-
suir a louça da
China, apre-
sental-a sobre

o adamacado das toalhas nas
noites de festa, é prazer que
na Europa caro se compra.
Mas o chinês não é apenas
o fazedor de bules, o criador
das figuras phantasticas nos
seus guardanapos de papel,
o sonhador que, no meio das
pequenas chinezas vesti-
das de seda, faz appa-
reecer n'um rompan-
te o dragão brutal que
rabeia e é um idolo.
N'elle ha o instincto
da satyra mordaz, al-
guma cousa de subtil e
de bello que o leva a
desenhar os ridiculos
d'esse imperio que os
soberanos pretendem
feihar á Europa
e que o proprio
chinês nos envia
nas figuras grotescas
que á sua imagi-
nação mais exa-
gera. Elle satyri-
sa a guerra, co-
bre de ridiculo os
ricos e os
fortes; vae
desde o

so. Na
neza veem
dos os al-
nagens da
mandarins
de crystal
esposas de

louça chi-
satyrisa-
tos perso-
côrte. os
de botão
e as suas
pés deli-
cados afeitos ao subtil sócco e ás
branduras dos palanquins de cortinas
de seda onde os dragões se espal-
mam. A propria sciencia é para
o chinês motivo de esculptura;
nada poupa ao seu desenho, col-
locando ao lado do medico o
sapateiro, como a arte de curar
um pouco se aproxima
da arte de calçar. Elle
agarra no *bonzo*, no seu
sacerdote, de tunica bran-
ca e ar grave, esquece os
pagodes rendilhados, Con-
fucio e os seis ceus, para
apenas ter o prazer de es-
maltar na fragilidade da
sua ceramica tudo quanto
ha na China de grande
e de mesquinho, na so-
berba horrivel,

transportando
assim, em *bibe-
lots*, os seus cos-
tumes, a sua ra-
ça, a sua civili-
sação.

Ha uma velha
lenda chine-
za que
diz que nos
velhos rios



1 - Vendedores ambulantes
2 - Idolo da invocação da entrada dos navios

de *Yang-te-Siang* uma grande colonia de madreperola se fixára deixando que as translucidas aguas fossem como crystallinas vidraças para a sua eterna propagação.

Essa lenda accrescenta que da madrepora mais gentil sahia uma mulher que com as suas mãos delicadas foi tirando á propria construcção os elementos para gisar a primeira bandeja chinesa. Da agua trouxe o azul, esse azul vago que seduz e encanta das lindas louças chinezas; dos coraes tirou o rubro com que coloriu as faces e tingiu os labios da primeira chineza que quiz reproduzir. Vestiu-a de nenuphares brancos, engrinaldou-a com a rara flôr do lotus e assim tendo esmaltado na madreperola o que se passava na sua phantasia, originou a primeira jarra exotica em que via o branco azulado da concha, a luz dourada do sol, o vermelho carregado dos coraes que vivem no fundo dos rios tortuosos e baixos d'essa região do sonho.

Criada assim a louça, com a sua transparencia e com as suas figuras, ella foi segredo de seculares retiros onde os bonzos

de mãos macias a preparavam no recato e no mysterio. Mas dentro em pouco, desvelado o segredo, atirado para a rua no empuxão forte das ambições, logo se foi a vulgarisar e o que até ahi era apenas arte logo se tornou em facil industria.

Os mercadores mahometanos que cruzavam os mares azues d'essa China legendaria trouxeram até á

Europa os exotismos d'uma industria que seria dentro em pouco o maior provento da China. Dos simples pratos, dos chazeiros esfericos, das chavenas minusculas, passaram então a crear alguma cousa de menos util, mas de mais original: a reprodução de todos os costumes da China, transmitidos assim para a civilisação occidental. E nós que rimos em face d'essas mulhersinbas de cara avermelhada, olhos em alongamento de amendoa, de cabellos presos no alto onde dois palitos de marfim se cruzam; nós que riamos deante d'esses labios tranquillos, mal esboçados na porcelana fina, nós que desdenhavamos da modesta e gentil flôr do chá estrelada nos bojuma! pensavamos que um dia d'essa industria utilitaria, sob o ponto de vista domes-

dos jarroses, mal pensavamos que um dia d'essa industria utilitaria, sob o ponto de vista domes-



1—Um philosopho. 2—Um doutor. 3—O criado do feiteiro
4—O feiteiro



tico, viria breve e resaltante toda uma arte reprodutora dos seus costumes, das suas paizagens, dos seus idolos, dos seus cerimoniaes complicados e da sua fé no inconfundível Deus chinês. Entraram então a dar, com attitudes, para nós exóticas, figuras esguelhadas em que ha, no emtanto, expressões que só quem as analysou de perto pôde achar verdadeiras.

São sempre recuados os planos em que os guerreiros ageis despedem as suas setas e cortam o lar com as suas espadas recurvas e bem temperadas; são sempre mesquinhas as copias d'esses personagens que se agitam, se movem, trabalham ou apenas pousam como os feiticieiros, os cultivadores ou os idolos. O chinês desenhou-os assim porque assim os viu, talvez porque os seus olhos obliquos

assim lhe mostram a paizagem, os seres, as cousas n'aquella planitude já característica na arte chinesa. Mas é curioso como, nas suas miniaturas transportadas para a Europa nas louças preciosas e nas figurinhas, nos acostumamos a amar os palanquins altos, as vestes bordadas, os dragões fortes, os bonzos graves, os estandartes franjados, os rostos curiosos e até os pendidos bigodes dos mandarins n'essas estatuetas onde elles seuberam repro-



1—Um personagem importante. 2—Um mandarim e a esposa
3—Grupo de mandarins com suas esposas.

duzir o que a sua vista observou na vida oriental, nos costumes e até nos ritos que modelam, porque não raro nos idolos da sua invocação a mão aristocrática e catholica d'uma linda mulher europêa vae tocar quando levanta, nos seus dedos finos, a chavena por que bebe n'algun five ó





clock tea de embaixada. E põem n'isto os chinezes a arte sentida, humanizada a seu modo, criam elles as figuras de vulto para que a Europa civilizada continue a chamar-lhes eternamente chinezes.

Mas as figuras, as figurinhas de louça, que os estatuarios chinezes fabricam,

com o seu feitio particular, reproduzindo esculturalmente os mesmos desenhos dos pratos e das chavenas, essas, com as suas formas originaes e o seu colorido vivo, são verdadeiras obras d'arte,—uma arte singular e exotica, sem duvida, que offerece aos nossos olhos uma impressão exquisita, seguramente, mas que os alegra e encanta, que os prende n'um requintado prazer espirital inteiramente novo.

Desde os mais altos personagens da hierarchia chinesa até ao mendigo da rua, desde o feiteiro até ao vendedor ambulante, desde o bonzo até ao cultivador e ao operario, tudo, todos os typos, todos os costumes foram reproduzidos pelos artistas chinezes com uma graça caracteristica, ás vezes uma evidente intenção caricatural espirituosissima.

E a imaginação do esculptor, quando

cria personagens fabulosos, a que concepções estranhas não ascende! Vejam, por exemplo, aquelle terrivel idolo da guerra, com as suas monstruosas armaduras, o seu ar terrivel, os seus olhos fuzilantes. Se pôde conceber-se coisa mais pavorosa! E, ao mesmo tempo, não parece que o artista o afeiçoou com um pensamento ironico, que lhe quer expressar no rosto qualquer geito de ameaça ridicula? Tal intuito denuncia-se de um modo flagrante até.

Mas o gosto que faz vêr todas essas graciosas figurinhas de mulheres, com os seus rostos risonhos, os seus vestuarios originalissimos, os seus inevitaveis leques de papel!

E os bonzos, os ministros da religião chinesa, com as suas physionomias satisfeitas, alguns de mãos postas,—o mesmo gesto da imploração christã,—mas

sem signal algum de extase ou commoção devota? O intuito satyrico do artista é claro em quasi todos os exemplares.

A reunião dos doutores, a que o feiteiro preside, não é menos expressiva, nem menos interessante. O esculptor enrugou as



1—Um sapateiro. 2—O freguez do sapateiro
3—Assembléa de doutores presidida pelo feiteiro

testas de todos, deu a todos uma attitude de concentração intellectual, mas em cada um diversa, em cada um com o seu feitiço especial. Parece mesmo que os tratou com especial respeito, apesar de n'um ou n'outro rosto ser facil tambem aperceber um traço caricatural.

Todas, enfim, sem excepção, são figuras curiosas e interessantes, que gostamos de contemplar, que nos prendem a attenção, e essas pequenas esculpturas de louça, algumas attingindo tamanhos minusculos, suggerem-nos a evocação de toda a vida particular d'esse mundo tao differente do nosso, nos habitos, nos costumes, nos sentimentos, que é o grande imperio do Meio.

A serie de figuras que hoje apresentamos aos nossos leitores, a quem os recentes acontecimentos de Macau, tem naturalmente atrahido o interesse para as coisas da China, pertencem á collecção que possui a Sociedade de Geographia de Lisboa, e que bem vale ser vista, pelo valioso documento ethnographico que constitue, e ainda pela sua incontestavel curiosidade artistica. As nossas photographias

dão uma idéa já do que, sob ambos esses pontos de vista, vale a collecção da Sociedade de Geographia de Lisboa, e por isso estamos

certos de que despertarão o interesse dos nossos leitores. Mas, merece bem a pena ir vêr as proprias figurinhas de louça, fabricadas pelos ceramistas chinezes, que são de uma graça e um encanto *sui generis*.



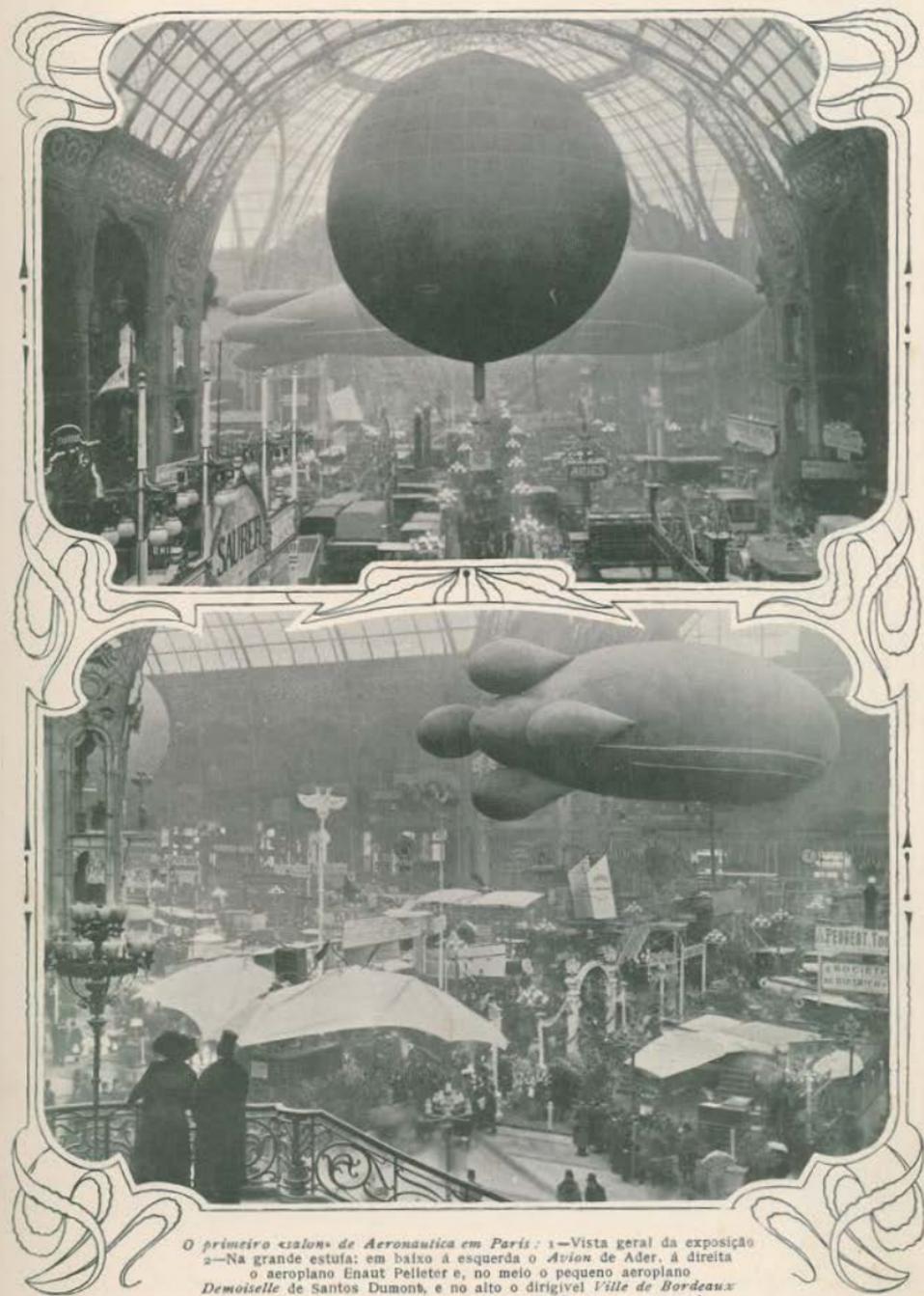
Nº 4



1.—Um bonzo. 2.—Oratorio. 3.—Grupo de bonzos

(CLICHÉS DE NEVES E MELLO)

LÁ POR FÓRA



O primeiro «salon» de Aeronautica em Paris: 1—Vista geral da exposição
2—Na grande estufa: em baixo à esquerda o Avion de Ader, à direita
o aeroplano Enaut Pelletier e, no meio o pequeno aeroplano
Demoiselle de Santos Dumont, e no alto o dirigivel Ville de Bordeaux
(CLICHÉS DE CH. DELIUS)

O CONCURSO D'O SECULO DE 1908



1—O jury composto de commerciantes e representantes da auctoridade que presidiu ao sorteio realisado no Real Coliseu em 29 de dezembro de 1908

2—Um aspecto do Coliseu por occasião do sorteio

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

·UM·MINISTRO·NOVO· ·D. LUIZ·DE·CASTRO·

Não nos podia ser indiferente o vèrascender, n'uma idade ainda juvenil, e com os unicos e mais que todos valiosos prestígios da intelligencia e do trabalho, ás responsabilidades cada dia mais asperas do governo, o antigo collaborador da *Illustração Portuguesa*, á qual tão assiduas provas deu de sympathia e de interesse, o elegante e erudito escriptor que tantas



paginas deixou n'esta revista, firmadas pelo seu nome eminente.

D. Luiz de Castro é hoje ministro das obras publicas. Deploramos que em hora tão agitada da politica seja chamada a exercer-se a sua competencia de professor e publicista, versado em todas as questões agricolas que mais interessam este pobre povo de agricultores, que ainda não conseguiu, no seculo XX, agricultural senão 60 % do seu pequeno ter-



1—D. Luiz de Castro no seu gabinete de trabalho
2—A esposa do novo ministro das obras publicas, ex.^{ma} sr.^a D. Rachel Anjos Jardim de Castro

ritorio continental. Convidado para collaburar no segundo ministerio do novo reinado, certamente que a D. Luiz de Castro—que em politica nunca foi um politiquero—não falta a capacidade que a nação cada dia mais comminatoriamente reclama dos seus administradores, cançada como está de vêr o seu esforço progressivo annullado em proveito dos grandes e ambiciosos regedores, das suas soffregas clientellas e dos seus sabujos validos. Mas é para lastimar que este laborioso homem de bem não possa tranquillamente applicar, n'um plano methodico adequado ás necessidades mais urgentes do paiz, os seus especiaes conhecimen-



tos sobre um dos ramos em que vae exercer-se a sua iniciativa dirigente, n'essa complexa—defeituosamente complexa!—pasta do Commercio, Industria, Correios e Telegraphos, Obras Publicas e Agricultura.

N'esta hora em que para o illustre collaborador da *Illustração Portuguesa* começa a tarefa ardua de ministro, tão falha de compensações, não é ao secretario de Estado que felicitamos, não só porque as honras que hoje usufrue as reputamos devidas á sua esclarecida intelligencia, ao seu caracter impolluto e á sua vasta cultura, mas principalmente porque o ensejo em que lh'as tributamos parece singularmente contrariar



1—O primogenito
2—Um serão familiar na elegante casa da rua do Prior



Nos jardins da quinta do Ducho, em Cintra: D. Luiz de Castro e sua esposa

a util applicação dos seus talentos.

A entrada de D. Luiz de Castro n'um ministerio constituido por um septuagenario, não podia, porém, passar sem referencia dos que, como nós, teem baldadamente combatido pela participação dos novos, dos homens de hoje, no governo de um paiz que tresanda a bafo. Não nos constando

que D. Luiz de Castro seja maior de sessenta annos, disponha da dedicação de vinte galopins no seu districto e tenha jámais entrado em conluio de ambiciosa intriga de antecamaras, forçoso nos é reconhecer que o unico criterio que presidiu á escolha do seu nome para ministro foi o da competencia. Entre o desabar de



1—Carradas de talento e uma carrada de filhos...

tanta ruína é já alguma coisa que se levanta.

...Mas, quem sabe se já a estas horas o escriptor do Beckford em Cintra não lembrará com melancolica saudade as placidas manhãs de trabalho

n'esse lindo gabinete da sua casa da rua do Prior e os serões familiares em volta da meza elegante e confortável, onde não pousára ainda a pasta vermelha do ministro...?

Quer essa saudade de arrependimento tenha já abalado a fé do propagandista infatigavel, quer ella se conserve ainda intacta, as circumstancias não tardarão porem a revelar a D. Luiz de Castro o antagonismo da sua mocidade ambiciosa de reformas e o quietismo, que é, inilludivelmente, o esteril criterio que preside a uma politica em absoluto divorciada do espirito moderno. E quando o novo ministro ousar falar em nome d'esses interesses do futuro, que hoje constituem a preocupação anciosa das novas e iconoclastas gerações, soffregas de justiça, de liberdade e de progresso, a voz tyrannica da velhice ha de gritar-lhe, como o macrobio dos *Burgaves*, orgulhoso da sua senilidade magestosa:

— «Tais-toi, enfant!»



2—D. Luiz de Castro professor, Corpo docente do Curso Superior de Agronomia com o director do Instituto, ao tempo o sr. conselheiro Augustus José da Cunha

A FIGURA PREDILECTA NA OBRA DOS NOSSOS DRAMATURGOS.



D. João da Camara



O actor Brazão no *Peteca* dos «Velhos» de D. João da Camara

A idéa não era minha, pertencia a um rapaz então meu camarada n'um jornal da noite. Suscitou, naturalmente, d'essa accumulação d'assumptos que entre duas noticias da rua davam margem a que conversassemos sobre todos os factos, os mais populares e os mais discretos; e chegou na altura em que se procurava qualquer coisa original para trazer á gazeta no outro dia de manhã.

Realmente era curioso!

E eu, animado um tanto pelo interesse do meu amigo, dei começo na manhã seguinte ao meu paciente trabalho, que é como quem diz — ás minhas *rusgas* de jornalista embrionário. Ampliei, no entanto, o plano das entrevistas. E nos dias todos d'uma semana interoguei, successivamente, pintores e esculptores, auctores e actores, que me recebiam as perguntas com aquelle ar contrariado e de reserva com que os *empresarios* haviam recebido o personagem mirabolante do *Grande Elias*.



Foi em vão que durante tres dias procurei D. João da Camara, o meu saudoso amigo, que por casualidade se afastava do seu poiso das 5 horas, na rua do Ouro, á porta da livraria Ferreira. Procurei-o continuamente, por aqui, por ali, no ministerio da marinha e nas aulas do Conservatorio, a principio com *appetite*, depois com febre; até que ao quarto dia o vi surgir da porta do livreiro, no seu eterno fato preto, muito simples e pobre, aturando um individuo baixo e de farta barbas pretas, com a sua paciencia preciosa, — bem semelhante do seu precioso talento.

— Quer-me? — interoguei, sublinhando sobre as lunetas, com um sorriso modesto, o interesse da sua pergunta. — Tenha paciencia. Ru ja lhe falo.

E d'ahi a minutos, despachado o individuo da conversa, subimos a rua do Ouro

conversando sobre o assumpto da minha pequena entrevista.

— Ora pergunta você...

E cumprimentava para todos os lados, amigos, discípulos, admiradores, com o seu modo tímido e estranho, um modo qualquer coisa provinciano.

— Ora dizia você, voltava, qual é dos meus personagens de theatro aquelle de que mais gosto? E' caso para pensar! Não digo que leve oito dias (eu já lhe respondo) mas deixe-me dar volta cá á minha gente.

Cruzavamos então o Rocio, pelo lado do norte. Parado ou distraido, D. João da Camara caminhava com vagar, fumando, sem uma palavra. Eu seguia ao seu lado sem que elle me visse, por certo. Até que ao sentarmos a uma meza do Martinho, quando o artista da *Meia Noite*, tirando as lunetas, se dispunha já para a leitura d'um jornal, eu tive necessidade de o encommodar:

— Mas então qual é o personagem?

— Ah!... Tem você razão. Escreva. Tem lapis? Bati as palmas. O creado trou-



Julio Dantas
— O actor Antonio Pinheiro no *San-Vito*
do *Viristo Tragico*

xe-nos um tinteiro. E D. João escreveu, na sua calligraphia redonda, esta novidade gostosa:

«O Patacas d'Os Velhos»

Este personagem faz parte d'uma galeria, talvez a mais completa da litteratura portugueza — a galeria da velhice. Com algumas figuras dos livros de Camillo e Julio Diniz, o *Patacas* apparece junto d'alguns dos melhores retratos que, na Arte de escrever, se tem realisado entre nós. E' companheiro da *tia Luiza das Gatas*, na *Engeitada*; da *Brazila*, no *Bem e o Mal*; do *José das Dornas*, do *Padre Antonio*, e do *João Semana* — n' *As Pupilas do sr. Reitor*. Talvez menos pittoresco, mais sisudo, caracteristicamente alemtejano; mas, sem duvida, «um bom serás»; faltando-lhe, apenas, as preciosidades do talento para ser o vivo retrato do artista que o desenhára n'um conjunto memoravel.

D. João da Camara foi, mais do que nenhum outro, o poeta do theatro. A *Meia Noite*, a *Triste Viuvinha* e *Os Velhos* são perfectos poemas lyricos. Simplicidade e sentimento são o merito vibratil e commovedor d'essas figuras de romance pastoril. Parecem das paginas de Rodrigues Lobo. Não lhes faltando, mesmo, a virtude de serem escrupulosamente nacionaes para serem eternas entre os trabalhos da nossa arte de theatro.

Julio Dantas recebeu-me no seu gabinete do theatro normal. Era esta, recordo-me, a entrevista que mais curiosidade me merecia. Tratava-se de um dos escriptores portuguezes que mais dissensões tem suscitado em todas as epochas da nossa litteratura. O artista que mais cedo se consagrara. Aquelle que mais invejas arrastou. E como o facto de cada *premiere* marcar para Julio Dantas uma hora de avanço tinha attrahido em torno do seu nome e da sua obra uma serie de interesses e preoccupações de espirito, seria curioso, certamente, ouvil-o designar, independentemente da admiração alheia, aquelle dos seus personagens que mais sympathias lhe merecia, entre todos os que tanto se discutem e applaudem.

O gabinete do delegado do governo junto do theatro normal é uma sala ampla, relativamente bem adornada, onde entre os retratos a oleo de quatro artistas d'uma geração extincta, se destaca, em banho d'ouro,



um bronze magnifico do grande estuario Teixeira Lopes. Julio Dantas recebeu-me com extremos de simplicidade, e promptificou-se delicadamente a responder aos *questios* estabelecidos para o resultado das minhas entrevistas. Falou-me, por algum tempo, dos seus personagens. Anotou, d'um modo ligeiro, as impressões do publico. E quando o ouvia, attentamente, no registo das suas noites de *premiere*, cheias de curiosidade e cheias de triumpho, de repente appareceu o personagem desejado, personagem que eu apenas conhecia de leitura, mas bem curioso e real.

— Assim, affirmava Julio Dantas, dos meus personagens o que mais me interessa é o *San-Vito* do *Viriato Tragico*, que Antonio Pinheiro interpretou admiravelmente.

O *San-Vito* é um Lazaro-mendigo das viellas d'essa Lisboa curiosa de ha dois seculos. Especie de bobo, miseravel, chagado, roto, dava-se ás vaias dos beberões nos pateos lobregos da cidade e as lascadas duras do garotio. Igreja onde um panno vermelho indicasse exposição eucharistica, avultavam os pobretões da sua estofa, debruçados para a fidalguia vestida como em Flandres; ante figurinos que Van-Dick desenharia. Na tenda mal servida dos vendilhões escoavam-se, depois, as esmolas da nobreza, em vinho de Torres, ou guloseimas de convento. E *San-Vito* era assim. Alcofinha de donas e ruifões, bobo dos taberneiros e da freguezia, ria por necessidade, servia torpemente por necessidade, agasalhando toda a ignorancia do seu destino, da sua vida miseravel, sem revolta, inconscientemente, com uma moeda que nunca encontrou no bolso.

A ordem social do tempo que corre cortou-nos esse typo. Que é feito dos meliantes como o *San-Vito*? Não ha gente assim; acabaram. E é por essa razão que a reconstituição d'esse periodo no «*Viriato Tragico*» se engrandece, reunindo tal somma de caracter, de verdade, que, por muito pouco que o publico o comprehendesse, é o quadro de costumes mais pittoresco e completo do nosso theatro moderno.

Como o *Tiçao Negro* de Lopes de Mendonça, é uma peça de evocação este *Viriato Tragico*. Fi-



O actor Eduardo Brazão no Afonso de Albuquerque
—Henrique Lopes de Mendonça



guras d'un aspero ou suave relevo, quer tristes quer alegres, desenham-lhe toda a vida moral do tempo. Algumas são suavemente delicadas: *Maria*, *Helena*, *Marcos Garcia*; outras respiram toda a chateza alvorçada e intermitente da arraia miuda: *Bristo*, *Brazia*, *San-Vito*; outras, ainda, desenvolvem toda a linha audaciosa e aventureira da epoca, e entre essas *Braz Garcia de Mascarenhas*, o *Viriato Tragico*, poeta, fidalgo, gentilhomem, adulator do melhor coração, em cujos olhos pretos, aterciopelados, se via a face de Nossa Senhora da filha da Brazia adéla.



O actor Ferreira da Silva no *Miguel dos Peraltas e Scios*
— Marcellino Mesquita

nossa epoca maravilhosa. E', incontestavelmente, um fanatico pela sua terra, que em tudo o tem provado; e pena foi que o filão de theatro entre nós innovado pela sua penna no arranjo da operetta *O Tição Negro*, de tanto gosto nacional, não surtisse, entre as iniciativas d'Arte, o resultado util que deviamos esperar.

No quadro de que especialmente tratamos, Affonso d'Albuquerque é uma figura inapagavel, moldando com segurança a pincelada impetuosa e lustral d'um ciclo de arrojos e aguerridos commettimentos. E se outras qualidades lhe faltassem, o modelo theatral é de sobejo empolgante para se definir como uma das mais notaveis creações do grande mestre.

Coelho de Carvalho é um erudito e um escriptor que honra sobremaneira os louros da nossa Academia de Sciencias, e que, a par d'algumas traducções de

classicos, tem escripto para o theatro varios originaes escriptulos de es-



Seguiu-se Lopes de Mendonça na serie dos entrevistados Foi na redacção do *magazine «Serões»* que o auctor do *Duque de Vizeu* teve a amabilidade de me receber. Se as perguntas eram simples, a resposta simplificou-a o grande mestre do theatro historico, dispondo-se a escrever, e interrogando-me, ainda, sobre curiosidades das minhas entrevistas.

Rapidamente, n'uma calligraphia desenvolta e facil, appareceu-me o nome do personagem que Lopes de Mendonça mais estimava:

«Affonso d'Albuquerque»;

restava-me, portanto, perguntar se o artista que o havia interpretado tinha conseguido do papel aquella eloquencia empolgante que caracteriza a creação do dramaturgo.

— Brazão, respondeu, possui um extraordinario talento. Compreendeu-me bem!

Lopes de Mendonça quasi que exclusivamente se tem dedicado ao estudo de personagens e episodios da nossa historia. Como D. João da Camara foi o poeta do theatro portuguez, Marcellino o nosso melhor tecnico, e Julio Dantas o mais original e elegante dos nossos auctores dramaticos—as figuras sobrias de Lopes de Mendonça assentam n'um vigor e virtuosidade quasi classicos, attingindo o maximo de caracter expressivo. A grandeza e arrojado d'esses personagens, quasi mythologicos para a degenerescencia dinamica do nosso seculo, interpretam o enthusiasmo decidido de Lopes de Mendonça pelas paginas illuminadas da



A actriz Luz Velloso na *Helena* do *Filho Doutor*
—Coelho de Carvalho

tudo e de factura litteraria. Ainda ha tres annos a representação da sua peça *O Filho Doutor*, cuja these importa como a razão de facto da maior crise moral e intellectual do nosso paiz, foi vivamente discutida pela exacta observação no arranjo d'esses episodios mimosos e commovedores, nos quaes, pela sinceridade e justiça do critico, e pela maneira simples do dramaturgo, são reaes as manifestações de talento.

No entanto difficilmente podem ser apreciadas (e outro tanto succede com alguns outros escriptores) as qualidades de dramaturgo, elegantissimas e correctas, que se produzem na obra theatral de Coelho de Carvalho. E' maravilha que poucos podem apreciar com criterio, porque o theatro em Portugal possui um publico quasi exclusivamente para *ver*, para *passar*. E fica n'isto a razão por que a revista do anno é senhora

de grandes applausos, com todos os seus vidrilhos, empiscadélas, papeis de seda, lanternas de projecções, piruetas, nadegas e saltos de serpente.

Dos personagens do seu theatro, escolheu, preferiu o illustre escriptor, a *Helena*, da sua ultima peça: um tipo de creatura ingenua e moça que *O Filho Doutor* estupra e explora com uma indignidade revoltante.

Triste mulher de sacrificio, amparando um filho e desherdada de toda a sua pouca fortuna, perdõa pelo amor, sacrifica-se pelo amor, sem uma esperança, sem uma meiguice, sem uma palavra ou gesto de piedade. E a sua dôr, n'esse conjuncto annotado na vida provinciana, toda atingida por uma critica situação de desprovimento e desillusão, reúne todo o delicado amor d'uma mulher, puro, intenso, pejado de abnegação.

Tal a doce e caracteristica imagem de mulher portugueza que passa n'um desenho seguro, de mestre, nas scenas do drama de Coelho de Carvalho.

Termo este artigo na entrevista realisada com o mais engenhoso dos nossos homens de theatro, *carpinteiro* emerito, o maior agitador de platéas que entre nós tem vivido: Marcellino Mesquita.

Falei-lhe uma noite no Gremio. Adiou a entrevista para o dia seguinte, devido á accumulacão dos seus afazeres. E no dia immediato, á hora indicada, lá estava, prompto para o ouvir, para o vêr, a elle que é nervoso e inquieto, expressivo, d'uma grande agilidade de imaginação e de temperamento.

Facilmente o personagem apparecera. Era o *Miguel dos Peraltas e Secias*, cuja indicação aqui conservo escripta. E, pelo quanto eu conheço o grande artista, é esta a figura do seu theatro que mais accentua a sua propria tendencia de homem do sul.

Tratando se de Marcellino, trata-se, certamente, d'um irmão do *Miguel*, do seu personagem preferido, interessante e voluvel como elle. O dramaturgo tinha creado esse tipo desenvolvido por certas afinidades de que era documento. E do que é graça e vigor na figura d'essa comedia esplendida, a propria figura do artista que o desenhou foi o melhor de todos os modelos, com a sua ironia impagavel, caustica por muitas vezes, e sempre a mais frugal e espontanea de todas as ironias. G.



EFFEITOS DO NO SUL DE

TERREMOTO ITALIA



1—Um triste cortejo
no caminho de Messina
para Catania

2—O interior de uma igreja
em Reggio após
o terremoto

(CLICHE DE CH. DELIUS).

As photographias que publicamos n'esta pagina, e que completam as que os leitores da Illustração Portuguesa encontraram em duas paginas anteriores, mostram já alguns dos terribes resultados dos tremores de terra occorridos no sul da Italia, e que tiveram como consequencia, além da destruição de umas poucas de cidades, a morte de bastantes milhares de homens.

Não cabe aqui a descrição d'essa immensa e monstruosa catastrophe, de que todos os jornaes inferiram os detalhes horrorosos. Foi uma espantosa hecatombe, como não ha lembrança de outra na memoria da nossa geração, e cujos effeitos desastrosos levarão bastante tempo a esquecer.

E' no desejo de satisfazer a legitima curiosidade dos seus leitores, que a Illustração Portuguesa insere os primeiros documentos graphicos, que recebeu, dos tristes successos do sul da Italia, e que em numeros successivos completará.



ASPECTOS DO MINHO

Na viagem para o Minho, próximo do local

onde o Vizella e o Ave se reúnem para correrem juntos até às areias de Villa do Conde, ha uma pequena estação d'aldeia a que chamam a Trofa, onde o «leitor solícito» poderá iniciar o roteiro d'esta excursão de mero caracter litterario.

Ao domingo, se tivermos partido do Porto no primeiro comboio da manhã, teremos o divertimento sobremaneira curioso da *missa do dia* e feira de tamancos, chapéus braguezes, varapaus ferrados, em frente da estação aldeã e no adro da igreja de S. Martinho. Se fôr no verão, ha a *festada da praxe*. E accomodados no primeiro trem da via-ferrea da companhia de Guimarães, seremos de novo no caminho do sportivo interesse que nos preoccupa.

Abro-lhe as portas, leitor amigo: é este o baixo Minho dos romances bucolicos que por ahí se leem. Sigamos o nosso rumo; e não estranhe que eu proprio, filho da terra, encontre muita novidade e muito prazer por estes sítios tanto do meu conhecimento.



1—Pinheiros negros, que alegríssimo horizonte
viver de corpo ao sol colonizando o monte!



assim a terra e as suas tribus camponias se isolam em curiosas particularidades pelo espaço relativo d'uma duzia de leguas. Esses outros lavradores de Vianna do Castello são mais, muito mais expansivos que o lavrador dos arredores de Guimarães. Segue a ordem, n'esta differença regional, a paizagem, que no alto do corpo provincial é clara, d'um verde suave e arejado, e logo se assombrea, como n'uma descida de encosta, apparecendo escura e um tanto pesada nos arredores melancolicos e hu-



Não se poderá afirmar rapidamente, qual, d'entre o povo e a terra completou o seu *semelhante*: se as canções, o vestuario e os costumes Moraes deram expressão á paizagem, moldando-a n'um singular effeito scenographico; se a paizagem, do seu espirito diverso, cenographicamente inquieto, attingindo linhas e posições semelhantes do movimento humano, poudé insinuar na alma do povo a sua imprevisita, espontanea e vegetal maneira de ser.

Integram-se continuamente.

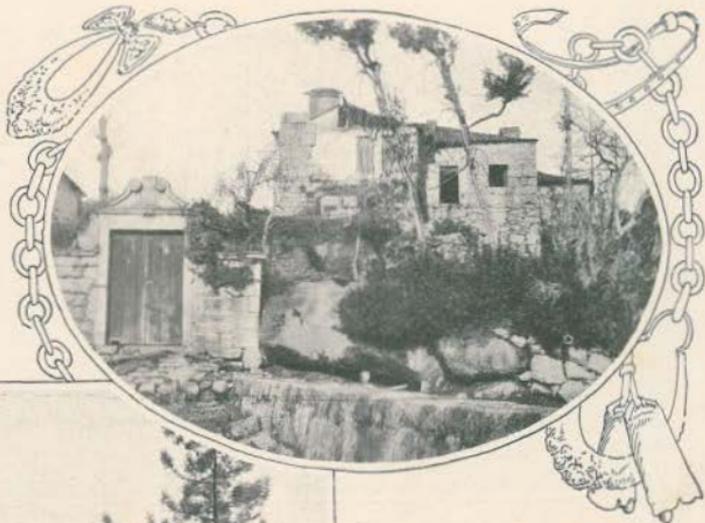
E como a terra é semelhante das suas populações,



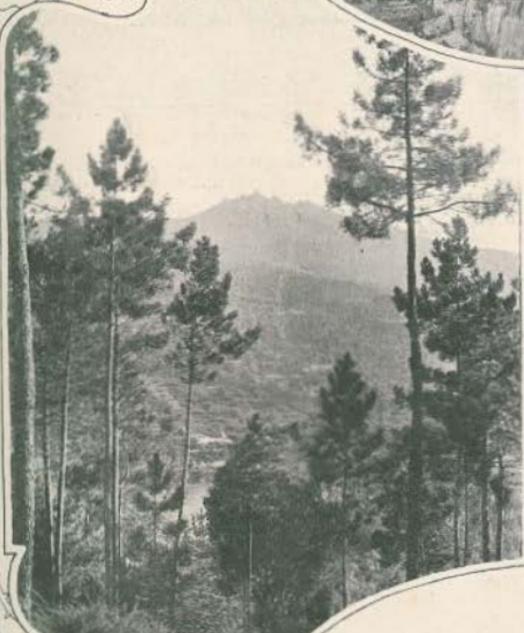
II—Que destino ideal, azas da cõr do arminho, n'edi' o azul do céu e construir o ninho!

midos da velha e triste cidade do rei primeiro.

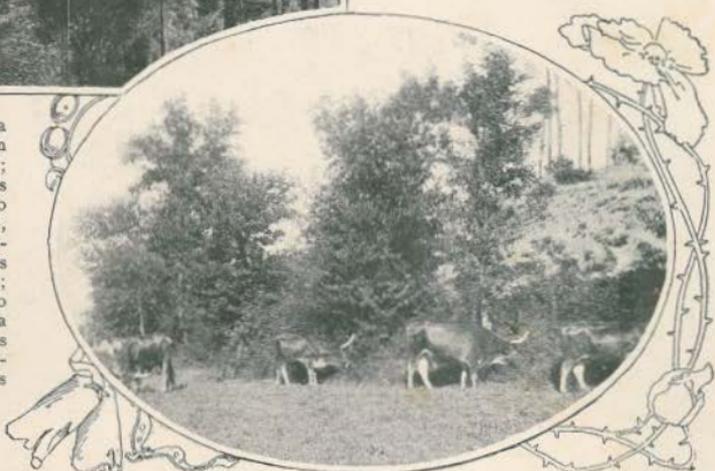
Internados uma vez no campo, não é a família minhota (de ordinario mesquinha e rude de costumes) que mais interessantemente procuramos observar. São os grandes souts de carvalhos, tostados da soalheira, innumerados, baixos e pesados como uma grande reunião de burgozes;



Independente dos cultivos livres e mais arduos do campo, o cuidado pelos mimos pequeninos do quintal. O serpão-limão que perfuma de gosto e natureza todas as substancias e sopas de clerigo; a alfadega verde, que so-be em grandes cestos de verga até ao escadario dos santuarios, um dia de caramol ou romaria soalhenta; os cachos tristes dos lilazes, caindo dos muros das casas senhoriaes; as pontas cheirosas da hortelã; as maiaes amareladas, as japoneiras, as macieiras claras de março; e então, assentes nos cachorros de pedra da casa rustica, os cravos do S. João—alguns violentos de côr, na sua perfumada e estuante folhagem sanguinea; outros delicados e frescos, quasi flôres de sangue azul na seda macia das suas folhas claras.



são as longas planicies da beira-rio, pinceladas d'um verde lustroso e virgem; são os altos exercitos de bravo, perfilados no serro dos montes sinuosos, e como vigiando a gestação ingenua das sementes dos quinteiros e da seára; e são, ainda, desposando a vigorosidade moça da terra, os ramos claros das laranjeiras, a flôr symbolica de todos os romances de amor, cujo perfume embriagante é irmão d'essa doce illusão que, á giza de prologo, antecipa o melodrama aspero do matrimonio.



III—Pavo, que bom viver ao sol e á lua cheia com as jantas leaes, pelas terras d'aldaiat



E d'este modo se comprehende com que suave e perfeito gosto a natureza discorre e trabalha no adorno de si mesma.

Depois, tudo é creado ao geito e á razão da terra. A tua geração inconsciente e casual, «deitor solícito», é homogenea d'essa outra existencia, toda vegetal e espontaneamente impenetravel, em prologo ou epitaphio definidos, que não sabemos com que razão desabro-

cha, vive e silenciosamente passa. A natureza, só a natureza!... E em tudo tão imprevisista e enigmatica que eu não hesito em affirmar que, como da tua alma, a maior vantagem da belleza campestre advem, ingenicamente, da suggestão do seu mysterio.

Em dias de descanso, mais do que nas grandes fainas do trabalho agricola, temos o elemento choreographico da população minhota, movimentando-se alegremente desde o *ser dia* até que o sino da parochia badala ás *Almas* nas nove horas do verão. Mas a mulher



IV— S: a terra é negra e a lucta é rude, o sonho é grão: anda abril, em flôres, d'um lado a outro lado!



do baixo Minho não possui metade dos encantos da aldeia rosada de Caminha ou dos castrejos dos Arcos do Val-do-Vez. Outro tanto posso dizer do que veste e do que combina em arranjo caseiro. Moralmente é inútil, ou pelo menos vulgar. E no vestuário accresce-lhe o costume antisthetico dos claros sobre claros, em grandes gamas brancas, com nenhuma transição psychica no que origina os contrastes externos d'um caracter, a combinação pictoral, a chorographia commum das regiões.

Por isso é que o campo do sul do Minho é unico em manifestações pittorescas, e mais encantadoras quanto mais isolado o vejo.

Hoje, por onde a vinha minhota cresce, semelhante a uma aralha enorme subindo os troncos aromaticos das cerejeiras; e onde o cultivo diverso se ramifica em grandes leiras e hortas de qualidade — ninguem reconhecerá a terra (tão igual e raze é a decoração do quadro campesino) onde, n'uma epoca



V—E os filhos, o casal, e as terras de semente, perpetuando o pão, harmoniosamente

Foi, sem duvida, pela quinta decorada dos conventos, que outr'ora se decorou a propriedade cuidada e interessante da velha fidalguia portugueza. Empregavam-se, n'uma indubitavel comunidade de costumes e gostos, os mesmos motivos de adorno, a mesma topographia agricola. E a quinta não era, como nos nossos dias, simplesmente um processo de afazer industrial, um meio de viver.

Assim tu te renovasses, mais estimada e mais comprehendida, natureza suave e excepcional do meu lugar.

ALFREDO GUIMARÃES.



mais logica e mais harmonica, innumerables conventos de innumerables seitas congregantistas levantaram os muros fortes da casa do seu officio religioso e operario, aparentemente eternos para muitas das gerações que nos precederam. Onde os principios da religião e da humanidade grande vida lograram, n'uma outra e mais perfeita ordem moral, sobem agora as heras rudes e carnosas que tudo systematisam de agonia e ruina, impiedosas como o criterio social dos homens, e tão indifferentes no seu viver que mal pensam em que preciosos e pittorescos muros lavraram a sua teia verde e destruidora.



VI—Dão a vida feliz, perfeita d'alegria,
de quem a Deus recorre e sempre em Deus confia!